

5 Considerações finais

*O que você alcançou não pode significar mais para os outros
do que para você.*²²⁴

Ludwig Wittgenstein

*I cann't (sic) find one key which will unlock the door of our safe.
The unlocking must be done in you.*²²⁵

Ludwig Wittgenstein

É notável a peculiaridade da estrutura do *Tractatus*. Ela tem uma unidade particularmente lapidada, nítida, sobretudo, no encadeamento preciso de suas proposições. A análise das passagens finais desta obra tentou lançar nova luz sobre o sentido dessa articulação minuciosa. Se, como sugeriu Wittgenstein, a boa arquitetura expressa um pensamento, com a arquetônica tão bem esculpida de seu livro não poderia ser diferente. O objetivo deste trabalho foi mostrar que as passagens referentes ao místico situadas no final do *Tractatus* não são um elemento tão estranho quanto já foi considerado, por exemplo, por Russell. Sendo o místico caracterizado como o que se mostra, traz diretamente à tona a distinção entre dizer e mostrar que é o cerne do livro e implica os limites do pensável. Já enquanto relacionado a ‘que o mundo é’ e ao sentimento do mundo como totalidade limitada, o místico aproxima-se mais especificamente do terreno da ética. Esta tentativa de articular as partes do *Tractatus* ajuda a melhor entender a distinção entre dizer e mostrar por meio da análise de proposições que são tradicionalmente consideradas obscuras nesta obra.

Tal distinção está relacionada à tendência do ser humano de querer cruzar os limites da linguagem com sentido, tentando dizer o que não pode ser dito, mas

²²⁴ Minha tradução do inglês. Original: “Was Du geleistet hast kann Andern nicht mehr bedeuten als Dir selbst”. (CV, p. 15).

²²⁵ Minha tradução: “Eu não posso encontrar uma chave que vá abrir o nosso cofre. A abertura deve ser feita em você”. (BT, p. 300).

apenas se mostra. Para melhor entender as razões que esclarecem esta interdição, foi necessário expor, primeiramente, o projeto de Wittgenstein no *Tractatus*. Tal empreitada envolveu basicamente dois momentos: sua crítica da linguagem e a relação desta com os limites que o filósofo aponta para a operação de negação. Pode-se perceber que, para ele, os problemas filosóficos se originam de uma má compreensão da estrutura lógica da linguagem, sendo preciso, portanto, elucidar o alcance representativo da linguagem. Notou-se que as proposições exibem sua forma lógica, de modo que o que se exprime na linguagem não pode ser expresso por meio dela. Na medida em que a filosofia tenta dizer o que apenas se mostra, não consegue formar proposições com sentido, ferindo, assim, a estrutura lógica da linguagem. Embora indizível, tal estrutura está relacionada à essência do mundo, a qual é a condição e o limite dele.

Elemento fundamental para entender tal funcionamento da linguagem foi o exame da operação de negação. Embora, para Wittgenstein, nada corresponda na realidade à negação, ou seja, as constantes lógicas não denotam coisa alguma; não há realidade sem negação. Isso está relacionado à unicidade que o filósofo indica existir entre uma proposição e a sua negação. Afinal, entender uma proposição significa saber o que corresponderia a ela, caso ela fosse verdadeira. ‘p’ e ‘~p’ afiguram a mesma realidade. A negação apenas inverte o sentido de uma proposição. Além disso, não posso negar as possibilidades deste mundo, o que está vinculado à impossibilidade de se pensar algo ilógico. Posso pensar apenas situações a partir das possibilidades deste mundo. Não posso me colocar de um ponto de vista externo ao espaço lógico. Todo discurso que tentar romper este limite está condenado ao absurdo, até mesmo o *Tractatus*.

Algumas leituras a respeito da incompatibilidade entre seu livro e sua teoria semântica foram a seguir apresentadas. Enquanto relacionado à ilusão de um ponto de vista externo impossível, todo discurso que o pressuponha e tente exprimi-lo estará condenado ao absurdo. Wittgenstein nega a possibilidade de tal perspectiva exterior ao espaço lógico, mas formula um livro admitidamente absurdo. Contudo, o *Tractatus* parece conduzir a outro modo de ver a linguagem e teria alguma legitimidade apenas enquanto vinculado a esta mudança de olhar. Foi de extrema importância nesta parte a distinção entre algo a ser comunicado e o propiciar uma visão correta do mundo, o que forneceu uma contribuição valiosa para entender a maneira como Wittgenstein se posiciona com relação à ética.

Este outro modo de ver é propiciado pelo sentimento místico e, como ele, não pode ser dito. Peça extremamente controversa no livro, o místico diz respeito à intuição do mundo *sub specie aeterni*. Dadas as análises sobre a negação feitas nos capítulos anteriores, pode-se melhor dimensionar neste momento da dissertação em que medida esta caracterização do místico não se refere a um ponto de vista externo e quão problemático é associá-lo a uma experiência, uma vez que, não fazendo menção a um fato, não pode ser descrito.

Dada a obscuridade com relação ao vínculo entre as passagens finais do *Tractatus* e as outras partes desta obra, tentou-se indicar de forma mais nítida possíveis ligações entre o místico, a inefabilidade e a resignação da vontade de dizer o que se deve calar. Uma das considerações mais expressivas diz respeito à ponte que é possível traçar entre esses temas através do *Fausto* de Goethe, o qual não só permite o vislumbre de outra perspectiva histórica com relação à influência de noções como a resignação da vontade, mas também fornece uma chave de leitura preciosa para integrar, por exemplo, as questões do limite, da resignação e da ética. Esta, por sua vez, foi o foco da seção seguinte da dissertação.

Culminando esta pesquisa no tópico que Wittgenstein diz ser o objetivo do livro, teve-se terreno propício para encadear e esclarecer os principais pontos tratados. Não sendo possível colocar-se em um ponto de vista externo ao espaço lógico, a linguagem não pode expressar nada que tenha valor absoluto. Apenas o sujeito, enquanto limite do mundo, está associado ao valor ético, o qual não pode ser expresso em proposições, mas apenas em uma ação ética. O que tem valor relativo pode ser transposto em proposições sobre fatos, mas o que tem valor absoluto não. Este não diz respeito a nada que possa ser expresso na linguagem, mas sim à existência da linguagem. A ética não pode ser dita, nem se mostra em proposições. Simplesmente adota-se outra atitude, a resignação da vontade de ultrapassar um limite, a partir de uma visão correta do mundo. Por isso, a ética, embora não seja uma ação – o que atribuiria à ética um caráter factual –, se mostra em ações. Não está associada, então, a nada que acontece no mundo, apenas a um modo de ver e uma atitude.

Não há proposições com valor absoluto, mas há outro modo possível de viver a vida. Esta via alternativa envolve a resignação da vontade de dizer mais do que se pode. Uma vontade resignada confere sentido ao mundo sem alterar nada nele. Só ela permite que se tenha uma boa vida, uma vida feliz. O mundo, de

acordo com a maneira como se lida com ele, pode minuar ou crescer como que por adesão ou perda de sentido. A vontade que tenta ultrapassar seus limites compreende mal o funcionamento da linguagem e ao não se conciliar com a forma do mundo, não consegue ver harmonia, sentido nele. Já a vontade resignada, reconhece e concilia-se à forma do mundo, harmonizando-se com ele e vendo sentido nele. Um aspecto importante dessa resignação é, assim, que ela seja doura. Ou seja, ela só é possível a partir do reconhecimento dos limites do mundo.²²⁶

Sendo uma tendência do ser humano ir contra os limites da linguagem, “the walls of our cage”²²⁷ (*LE*, p. 12), “as muros fazem-nos reconhecer o valor daquela descoberta”.²²⁸ (*PI*, 119). Por isso, a intuição dos limites do mundo não pode significar mais para os outros do que para si mesmo. Ela implicará uma alteração na vida deste sujeito, permitirá que ele tenha uma boa vida. Mais uma vez, é possível perceber que a ética, para Wittgenstein, está relacionada à resignação da vontade.

Pode-se notar, então, que as passagens finais sobre o místico contribuem para elucidar a relação fundamental que há entre a noção de limite e a distinção entre dizer e mostrar, o que, inclusive, permite aproximar de forma mais clara as diferentes partes do *Tractatus*. Ponto este que talvez permita melhor entender a posição de comentadores que buscam alguma continuidade nos diferentes momentos da obra de Wittgenstein, especialmente no que concerne a uma ligação entre o período anterior e o posterior à rejeição da concepção tractatiana de estrutura essencial da linguagem. Optou-se, de modo geral, por dar preferência ao apontamento de elos importantes, indicando possíveis caminhos a serem percorridos. Fica ainda o desejo de explorar mais as relações entre o *Tractatus* e o *Fausto*, uma vez que elas parecem ser mais ricas do que se pode trabalhar aqui. “Philosophy is like trying to open a safe with a combination lock. Each little adjustment of the many dials seems to achieve nothing, only when all is in place

²²⁶ Vale lembrar aqui o isomorfismo entre linguagem e mundo. Contudo, o caráter problemático referente à existência de uma estrutura essencial da linguagem no que concerne, por exemplo, à ética, a saber: a linguagem não diz, nem mostra o ético, mas ele está relacionado à existência da linguagem, parece ser um fator que contribui para que Wittgenstein reelabore sua teoria da linguagem, passando a defender que o sentido de uma proposição é determinado pelo uso que fazemos dela em determinado contexto e, ao mesmo tempo, determina este uso.

²²⁷ Minha tradução: “os muros de nossa gaiola”.

²²⁸ Original: “Sie, die Beulen lassen uns den Wert jener entdeckung erkennen”.

does the door open.”²²⁹ (*PR*, p. 96). Espera-se aqui ter contribuído para o ajuste de ao menos um destes discos.

²²⁹ Minha tradução: “A filosofia é como tentar abrir um cofre com uma fechadura combinatória. Cada pequeno ajuste dos vários discos parece não levar a nada, apenas quando tudo está no lugar a porta abre”.